

Naceo e Amperidónia: Traços linguísticos duma novela sentimental

Aida Sampaio Lemos
Universidade do Minho

1. Até meados do século XX, no *corpus* da novela sentimental quinhentista portuguesa era comumente assinalado apenas um título – *Menina e Moça*, de Bernardim Ribeiro. No entanto, na década de 70, e a provar que os fundos das bibliotecas abrigam ainda pequenos tesouros manuscritos à espera de serem (re)descobertos, Eugenio Asensio presenteou-nos com o achado de um códice miscelado¹ contendo, entre outros, um texto de vinte fólios, anónimo e sem título, pertencente a este género literário e que, partindo de dados paleográficos do manuscrito, é por ele datado da primeira metade do século XVI. O texto foi editado pela primeira vez por David Hook (1985)² que, seguindo um costume literário da época quinhentista em obras do género (Lago:1997, 24-25), lhe atribuiu como título os nomes do par amoroso protagonista da história – *Naceo e Amperidónia* –; tendo por base factores internos do texto, o mesmo autor estabelece como marcos cronológicos para a sua datação um período que vai de 1517 a 1547.

Actualmente é apenas conhecida esta cópia manuscrita de *Naceo e Amperidónia*, pelo que, e a par com o facto de nela se poderem verificar aspectos

¹ Este códice miscelado (conhecido como “manuscrito Asensio”) foi adquirido em 1983 pela Biblioteca Nacional de Lisboa, onde figura como códice 11 353; para além de *Naceo e Amperidónia* e de uma cópia de *Menina e Moça*, apresenta cópia de várias obras representativas da literatura peninsular da época de Bernardim Ribeiro, Sá de Miranda, Boscán, Garcilaso de la Vega, Jorge Manrique, bem como outros textos de tipologia diversa – discursos, cartas, obituários, entre outros.

² David Hook – “*Naceo e Amperidónia: A Sixteenth-Century Portuguese Sentimental Romance*”. In *Portuguese Studies*, 1. London: Departement of Portuguese. King’s College, 1985.

literários e retórico-discursivos representativos do género³, é também por isso relevante e valiosa, constituindo, além disso, juntamente com *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro e *Historia dos trabalhos da sem ventura Isea* de Alonso Núñez de Reinoso⁴, o *corpus* quinhentista português de um género – a novela sentimental – que na Península Ibérica foi cultivado e muito apreciado a partir de finais do século XV.

A história dos amores de *Naceo e Amperidónia* surge retratada na obra pela *dimensão verbal* do amor: chegado a uma grande cidade e à corte, Naceo apaixonou-se por Amperidónia e estabelece estratégias verbais de conquista às quais ela responde com estratégias verbais de defesa. Os excursos narrativos, as cartas, os excertos líricos e os diálogos presenciais retratam o percurso do serviço amoroso e conquista de progressivas *mercês*⁵, reproduzindo modelos de discurso a eles relativos.

Foram publicadas duas edições do texto. A já referida de Hook (1985), paradiplomática, e a de Luiz Fagundes Duarte (1986)⁶, regularizadora e interpretativa, às quais pensamos poder em breve juntar uma outra de cariz crítico-interpretativo, que apresenta duas edições paralelas, uma modernizadora e outra

³ “De facto, se a novela sentimental tem, na sua génese como no seu contexto de época, uma função eminentemente exemplar (Lago, 1997: 22), o discurso de Naceo e Amperidónia configura-se para além disso como exemplar do discurso amoroso, não só na sua vertente ideológica mas também e sobretudo na medida em que cumpre a função de apresentar modelos da arte epistolar e do seu paralelo no campo da oralidade: a arte da conversação. Complementando estas dimensões, assinala-se a presença de uma vertente mais especificamente literária – a arte de trovar – instituindo-se assim a novela como uma súpula das qualidades verbais necessárias ao amor na corte, como uma representação modelar da eloquência de matriz ciceroniana.” (Lago e Lemos (Edição, fixação do texto, notas e glossário por) – *Naceo e Amperidónia. Novela Sentimental Epistolar* (a aguardar publicação)).

⁴ Texto do qual existe na Biblioteca Nacional de Lisboa apenas o microfilme e sobre o qual estamos a trabalhar com vista à sua edição - *Historia dos trabalhos da sem ventura Isea, natural da cidade de Epheso e dos amores de Clareo e Florisea* (microfilme 2204 da BN, feito a partir de um exemplar existente em Viena de Áustria).

⁵ A confirmar esta perspectiva, a inconclusão da obra, que termina com o aprazamento de mais uma entrevista: “.//. carta de nação.//. não me dejs cullpa de me tanto afadiguar pojs o tempo e a causa traz a presa comsigo. e majs eu sej certo que o com que uos escusães estaa ja pera yso. peçouos por merçe que o concurdães por que o prñcipe estaa de camjnho e eu partirej com elle.. e de llaa tornarej secretamente pera vos fallar quamdo mandardes. // .//. rreposta danperjdonja.//. Asi me parece que seraa bem que partais co prñcipe e de llaa tornarejs a huü tempo çerto/ que bem he que fique llogo tudo concertado por escusaremos rrecados de tão llonge. pojs se qua perdem os de tão perto. ordenaj uosa partida e fazej perequi ho camjnho e eu terej escrjto/ ou vos dyrej de pallavra como ha de ser //” (f221r). (Lago e Lemos, *op.cit.*).

⁶ Luiz Fagundes Duarte, (apres., leit. e fixação e regularização do texto por) – *Naceo e Amperidónia (Novela sentimental do século XVI)*. Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 1986.

conservadora, esta última seguida de glossário, e de que apresentamos um excerto:

/f201/ huũ espanholl. de nasam portugues. amdaua na guerra *que* o turquo fazya ao solldam: *e* na tomada de hũa çidade onde mujtos se fizerão rricos . elle foy ter *com* hũa arca de fortes fechaduras *que* parecia *que* grande tisouro guardaua. *com* a quall elle *e* outros seus *companhejros* se apartarão. *e* buscados *engenhos* *com* que a despregarão. grande soma de lliurarja acharão sem outra cousa a ter acupada⁷. amtre os quais huũ piqueno caderno estaua emburjlhado *em* huũ pano de seda *e* como a tall *ujstidura* lhe visem⁸ afirmarão que fidallguo serja. segundo a llej portuguesa aguora ho comsede/. *e* por esta uentagem *que* dos outros lhe virão aquelle soo quiseraom lleuar. por *que* tão camsados. dos trabalhos das armas estavão. *que* com maior caregua não puderão/ *e* depojs *que* o tempo deu allguũ asesequo e os outros contaũo dinhejros de prata *e* douro *e* outros joyas de grande vallya . *que* do roubo . ouverão/. *e* elle llya por seu lliuro *que* *em* mũj ellegante llatjm era escripto. do quall tanto gostaua *que* nenhũa enbeja aos outros auja/. *e* como naquillo continuase/. seu *companhejro*. *com* quem senpre pousaua. se agravou delle por lhe não dar parte daquella jstorja. por ser llatino *e* elle não/. a quall a seu rrequerjmento tirou em llingoagem portugues. de que depojs tanto gostauão. *que* era ho maior pasatenpo que tinhão./ *e* depojs da guerra acabada *e* o solldam estrojdo. allgũs crjstãos *que* se acharão rricos. pidirão lliçensa ao turquo. *pera* se yrem a suas naturezas. aos quais a daua lliuremente. fazendolhes grandes merçes/ . *e* estes dous *companhejros* agrauados de sua patrja detrmjnarão fycar *e* mandarão este lliuro a portugual. emderençado a Joam Rramires darelhana⁹ *com* este escripto//. /f201v/ mujto estimado *senhor*/. o desejo de uosa doçe *conversaço* *e* a neçesidade de seu esforço. *que* mujtas uezes nesta guerra en *que* ando tiue ./ me obrjgou a desejar allguũ presente. *e* como nella tão mall aventurado como *em* todollas outras cousas fose./ a meu poder não veo ter nenhũa *pera* ser dina de apresentar a tall *pesoa* senão este piqueno lliuro *que* dara comta a. v. m. de sy *em* pouco papell. *que* foi a cousa *que* me delle majs contentou sua breujdade./por *que* quando se as pessoas nã achão copiosas *em*

⁷ Hook] 'ocupada'.

⁸ Foi difícil distinguir no manuscrito o 'b' e o 'v', dado que estas duas letras aparecem frequentemente desenhadas de forma muito similar; assim, considerámos 'b' sempre que as duas hastes se encontram feitas ou quando apenas a haste inferior aparece bem desenhada; nos outros casos, optámos por 'v'.

⁹ Hook] 'Arelhano'.

dizer mujto./se descareguão *com encurtarem* seus proçesos. do *que* vos *senhor* nunca tiuestes myngoia polla grande abillidade *que em* dizer e fazer temdes. a que peço por merçe *que* veja esta jstorja por *quem* outras mores pasaraom. e se bem lhe parecer sera boa. e senão callalloha¹⁰ sua bondade por quão fora he¹¹ das murmurações tão acostumbradas//.

Prolloguo.

mujto pouco nos pareçera ho emprender das cousas. se primeiro não consentiram os a possibilidade do *que* cometemos. e ajnda co<m> jsto nã abasta noso jujzo. *pera* o estimar polla deuersidade *que* uemos acontecer dos casos. *que* mujtos de graues e jnçertos começos são bem acabados e outros. comsiderados. e de booms princípios auerem atrauesados fiins segundo ha fortuna os fauoreçe. e por tanto não diujamos ¹²de ser obrjgados a dar comta de majs *que* de bem começar continuando noso preposito. ser emderençado a bom fym. pojs ho majs não he em nosa mão. /f202/ mas da ventura de cada huũ /. *nem* jsto não nos desobrtja a enprender grandes cousas. mas a ter nellas mor esperança. pojs por mores *que* sejam pode co<m> ellas ha ventura /. e co<m> este preposito começarej hũa estorja de mujtos tenpos. aconteçida e dyna de grande memorja *que* a mjnha notiçia veo esforçandome majs no que pode ser *que* sey//.

A *mym* me foy encomendado *que* tirase em llynguoagem portugues huũ estorja gregua que acometeço na çidade de sollbia donde se afyrnã *que* os greguos lleuarão archilles. *quando* foy ho ajuntamento sobre a grande çidade de troya/ como *quer que* esta estorja pareçese majs antiga por quanto nella falla do *mujto* poderoso rrey que primejro foy de que adiante allgũa cousa direj e da maneja *que* tinha de prouocar a sy grande soma de molheres. rreçebidas. a *que* llogo ordenaua hũa casa *em* que ujuesem e todollas neçesarjas *pera* suas despesas. *com* mujtas franquezas de lliberdades *que* posoyão polla dinjdade e estado de as ter por molheres *em* caso *que* com ellas nã partiçipase doutra maneja. e polla deferença destas cousas pareçe *mujto* mudar os vocabollos llatinos tanto sotis¹³ e dillicados. *em* mjnha llynguoagem portugues.

¹⁰ Hook] 'callalha'.

¹¹ Hook] 'fore hu'.

¹² Hook] 'dirijamos'.

¹³ Ms] sinal de abreviatura sobre 'i'.

majs jnclinada a dizer do mujto menos./ *que* do pouco majs. como *quer* que de grandes ajudas as estoreas e o fauoreçellas com morallidades tem. mas a *mym* não me parece *que* herro pojs com dizer ha *verdade* de como esta pasou me descullpo de todo pollo pouco guosto que do comtrafejto¹⁴ tinha//.¹⁵

Representativo do género e, por conseguinte, com lugar de relevo no panorama da nossa história da literatura, este texto adquire igual importância para o conhecimento do português, porquanto se encontra escrito numa “franja de separação” da periodização da língua (Azevedo Maia: 1995) que se caracteriza pela manutenção de traços característicos do português arcaico e pelo aparecimento de particularidades linguísticas que atestam mudanças significativas na história da nossa língua.

Assim, considerando com Maia (2002: 240) que “*todos os textos redigidos em tempos pretéritos ou apenas no lapso temporal abrangido pela pesquisa interessam ao investigador, quer se trate de documentos não-literários ou de textos literários*” e partindo da edição conservadora do texto e do glossário que realizámos, procuraremos dar aqui conta, embora sumária e parcialmente, de alguns aspectos relativos ao estado da língua usada neste documento literário.

2. Os dados que a seguir apresentamos resultam de um trabalho, por ora inconcluso, de levantamento de aspectos linguísticos do texto *Naceo e Amperidónia* que foi objecto de um tipo de edição que vulgarmente se denomina de conservadora. Subjacente a esta opção está a convicção de que uma transcrição mais perto do original permite um mais profundo acesso à língua do texto, contribuindo, por conseguinte, de modo mais eficaz para o seu estudo.

Foi nosso objectivo reunir informação sobre factos relevantes da língua de um texto singular no quadro da literatura quinhentista e no qual a construção da significação aparece estreitamente associada a retóricas específicas da temática, do género e da época. Na verdade, o texto oferece uma interessante construção discursiva de que uma análise parcial como a que fizemos não dará cabalmente conta, ficando por fazer a necessária e certamente reveladora análise linguística do discurso amoroso e epistolar usado pelos protagonistas da novela; não obstante, e tendo igualmente em conta os condicionalismos de uma apresentação

¹⁴ Hook] ‘comtrafjto’.

¹⁵ Lago e Lemos, *op. cit.*

Um estudo da obra foi realizado por M^a Paula Lago intitulado *Naceo e Amperidónia. Estatuto da Novela Sentimental do Século XVI*. Braga- Coimbra: Angelus Novus, 1997.

como a presente, faremos apenas breve referência a aspectos gráfico-fónicos e de morfologia nominal atestados no texto. A consulta do glossário permitirá, por seu lado, uma aproximação ao léxico utilizado, bem assim como aos sentidos específicos que determinadas palavras adquirem dentro do co-texto e de aqui faremos também breve menção.

Como atrás se referiu, o único testemunho actualmente conhecido deste texto não apresenta indicação de autor nem aparece datado, pelo que a datação que lhe foi atribuída é baseada em factores internos da história narrada e não tanto na sua análise linguística.

Não pretendemos com tal afirmação contestar a datação proposta; os dados histórico-culturais presentes na novela e já inventariados, bem como uma leitura global do manuscrito, legitimam-na. Pretendemos tão-só chamar a atenção para a necessidade de uma análise scripto-linguística deste texto que, para além de poder contribuir para a obtenção de dados mais concludentes sobre tal questão, permitirá conhecer o estado da língua aí representado, sem, no entanto, deixar de ter presente que a escrita é, quando comparada com o oral, uma depositária mais ativa do conservadorismo na língua, ao que, no caso em questão, acresce o facto de se tratar de uma escrita literária estreitamente ligada a determinadas convenções textuais e discursivas; para além disso, sabemos que “nem todas as inovações ou já mudanças da língua se reflectem simultaneamente nos textos escritos e, além disso, que neles se revelam em graus distintos e de modo diverso de acordo com os géneros textuais” (Maia: 1995, 13). No que concerne a obra *Naceo e Amperidónia* temos ainda que contar com a ausência de dados sobre a tradição manuscrita do texto.

3. O documento, tal como é habitual em escritos da época, apresenta uma grande variabilidade gráfica, ao nível da representação grafémica do vocalismo e do consonantismo.

Vejamus, pois, a título exemplificativo, o uso no texto dos grafemas¹⁶ <*i, j* e *y*; *ae, o*; *eo, aa, ee, ii* e *oo*; *-ão, -aom, -am*; *g, c, s*; *u, v*; *rr* e *ll*> e das relações, apesar de reconhecidamente ser difícil a sua confirmação a partir apenas de um documento escrito, com o estatuto fonológico que poderão acolher.

¹⁶ Seguimos a definição de ‘grafema’ como a «unidade de língua escrita, indivisível em unidades menores que representam unidades da língua falada» (V. Horejsí (1964) *cit. por* Evelina Verdelho (1994) p.650).

O grafema <i> aparece no texto como representação gráfica de fonema vocálico anterior fechado /i / em posição interior e final (*rricos, lliuro, aqui, naçi...*), tendo apenas uma ocorrência em início absoluto de palavra (*iso*); surge também como expressão gráfica da representação actual da espirante anterior / j / em ditongos crescentes seguidos de fonema vocálico velar fechado /u / e central fechado /a / (*prinçipio, rrio, pareçia, metia*) e em ditongos decrescentes - /aj /, /oj /, ej /, /uj / (*quais, tais, mais, maior, depois, primeiro, fui...*), aparecendo também em alternância com *e*: *piqueno, tisouro, pidirão...*

O grafema <j> é usado no texto em formas nas quais actualmente se realiza a espirante anterior /j / em ditongos crescentes e decrescentes (*majs, companhejro, depojs, auja, memorja...*), o fonema vocálico anterior fechado /i / em posição inicial, medial e final de palavra (*jstorja, jsto, escripto, qujs...*), o fonema consonântico palatal sonoro /z/ em posição inicial absoluta de palavra e interior em início de sílaba (*joyas, enbeja...*) e o fonema vocálico anterior fechado nasal (*llatjm, ajnda...*).

O grafema <y> (pontuado ou não) aparece no texto em formas seguidas de consoante nasal (*myngoá, mym, fym, llyngoagem...*) e como representação de fonema vocálico anterior fechado (*afyrmam, sayão, yrem, fycar, ally, hy...*, bem como em formas nas quais hoje se realiza a semivogal anterior /j/ em ditongos crescentes e decrescentes¹⁷ (*afeyção, llya, fazya, deyxaúa, foy, rremedyo...*).

A grafia <-aes> aparece em formas (pronomes, adjectivos, substantivos) cujos singulares apresentam a terminação -al (*quães, jguães, sinães...*), aparecendo também a variante com <i> noutras formas e também em *quais*; encontra-se ainda na terminação da 2ª pessoa plural do indicativo e do conjuntivo presente (*detrimjnães, façaes, follgães, jullgães...*)¹⁸ a par com a terminação -ais em *dais, contentais, estais, partais...*

¹⁷ Em 1536, Fernão de Oliveira ao referir-se a <y> diz o seguinte: “Esta letra y, que chamamos grego, tem a figura como v consoante, senão que estende hũa perna para baixo ficando-lhe a boca para cima todavia; da qual alguns poderão dizer que não é nossa, mas eu lhe darei officio na escritura das nossas dições próprias. E é este: que as mais das vezes, quando vem hũa vogal logo trás outra, nós pronunciamos antr’ellas hũa letra, como em *meyo, seyo, moyo, joyo* e outras muitas. A qual letra a mi me parece ser y e não i vogal, porque ella não faz sillaba por sí (...).” Cf. Amadeu Torres e Carlos Assunção (edição crítica, semidiplomática e anastática por) – Fernão de Oliveira. *Gramática da Linguagem Portuguesa* (1536). Lisboa: ACL, 2000, pp.97-98.

¹⁸ A terminação <-aes> grafada sem til tem apenas uma ocorrência no texto. O til não representa nos outros casos nasalidade, podendo ser interpretado como indicação de desenvolvimento de *a* para indicar vogal tónica ou simplesmente como elemento inactivo. Na edição conservadora optámos por manter esse sinal nestas terminações.

O grafema <o> é usado nas terminações *-eo* e *-io* (“-eu” e “iu”), representando graficamente a espirante velar /w/, sobretudo em formas verbais de 2ª conjugação, 3ª pessoa singular do indicativo pretérito perfeito simples – *acomteçeo, respondeo, pareçeo, escreveo....; partio, vio, saiose, comsentioo, despedio...* (e com a variante *j* e *y*: *comsentjo, ujo, despedyosse....*); em formas verbais, a terminação *-eu* aparece apenas na forma do verbo “dar” – *deu*; numa única ocorrência, encontra-se a terminação *-eo* na forma do pronome possessivo “seu” – *seo*.

As terminações <*-eo*> e <*-ea*> aparecem no texto em formas nominais que correspondem à actual terminação *-ei* em palavras como *alheos, alheas, emlleo* e na 3ª pessoa singular do indicativo pretérito perfeito simples do verbo “vir” – *veo/ueo*, havendo apenas uma ocorrência com inclusão de *y* – *veyo*¹⁹. Estas terminações em realização hiática, comuns no português antigo, estão igualmente documentadas no século XVI, sendo a inserção da semivogal palatal anti-hiática apontada como tendo ocorrido no decurso deste século²⁰, embora haja atestações anteriores e a recomendação de Fernão de Oliveira na sua *Gramática* seja já a de incluir o grafema <*y*> para desfazer o hiato, o que conduz à hipótese de que este “processo de inserção da glide anti-hiática se teria desenrolado durante o século XV se não a nível da escrita, pelo menos na oralidade” (Cardeira: 1999, 86).

Quanto aos grafemas vocálicos compostos, temos no texto a ocorrência de <*aa*, *ee*, *ii* (numa única ocorrência) e *oo*> em formas como *jaa, maa, daar, llaa, daa, estaa, seraa, maar, pee, pees, fee, veer, fiins, voos, noos, door, moor, soo, poos,...*; formas que derivam duma razão etimológica (*maa, fee, soo, pee, door...*) ou sem motivação etimológica (*jaa, llaa...*), formas que representam a 3ª pessoa singular do indicativo presente e futuro (*daa, estaa, seraa...*), que representam um fonema aberto em núcleo de sílaba acentuada (*fee, maar, soo...*) ou um fonema fechado na mesma posição (*door, veer, pees, poos...*).

As terminações nasais em *-ão*, *-aom* e *-am* alternam entre si a representação gráfica do ditongo nasal hoje representado por *-ão*, aparecendo em formas como *mão, chãom, condição/ condiçaom, devação, paixão, quão, crjstãos, rrezão/ rrezaom, quinhão, perfejção, conversação, coração/ coraçaoom/ coraçam, emtão/ entaom, concrusão, asollujçaom, jnpresaom, nasam, solldam, gallardam, perdam, confisam...*, em formas verbais de indicativo presente e pretérito (perfeito

¹⁹ “veyo este desemgano tão tarde que o não cry *nem* o pareçe” (f.218v).

²⁰ Cf. Teyssier (1990:45).

e imperfeito) e de condicional (duas ocorrências) onde actualmente ocorre *-am* aparece no texto *-ão* e *-aom* (*achão, acreçentão, emfadão, buscão, amdão, aprovejtão, são/ saom, haom, fizerão, apartarão, desprezarão, acharão, forão, virão, estavão, chamavão, fallavão, acabaraom, quiseraom, pasaraom, acabaraom, poderião, deixarião...*), aparecem ainda três ocorrência em *-am*, uma no indicativo presente do verbo “estar” (*(qu)estam*) e duas no conjuntivo (*sejam, saibam(no)*). As ocorrências das terminações *-ão* e *-aom* nas formas verbais (que correspondem na generalidade às terminações latinas *-ant* e *-unt*) deste texto são muito mais numerosas do que as das terminações *-am* e *-ã*, havendo para esta última apenas uma ocorrência do verbo “afirmar” (*afyrmã*), ao contrário do que acontece noutros textos da época, nomeadamente no texto *Vida e feitos de D. João II*, facto verificado por Verdelho (1994: 675) na sua edição crítica e estudo linguístico do *Livro das Obras de Garcia de Resende* e de que o Índice directo de formas que apresenta dá conta.

Este ditongo nasal aparece também nos advérbios “não” e “tão”; o primeiro é representado no texto em análise pelas formas *não* (com 196 ocorrências) e *nã* (com 58 ocorrências), não aparecendo a forma *nam*, comum noutros textos da época²¹, e o segundo pelas formas *tão/ taom/ tam* (com 48, 8 e 9 ocorrências, respectivamente); há ainda a registar duas ocorrências de *-ão* na forma verbal “são” correspondendo à primeira pessoa singular do indicativo presente do verbo “ser”²².

A nível da representação do consonantismo, o grafema <g>, para além de representar os fonemas consonânticos oclusivo velar sonoro /g/ e chiante palatal sonoro /z/: *grande, gallardom, segura., engenho, mensageira, gemtill...*, aparece também como <gu/ go> representando graficamente o fonema consonântico oclusivo velar sonoro /g/ em palavras que actualmente são compostas por /gw/ (*guardava, llyngoa, llingoagem, llegoas, magoa, myngoa...*) ou apenas por /g/ (*aseseguar, aseseguo, caregua, careguo, follguo, portugues, portuguell, gregua, fidallguo, camtigua* (9 ocorrências)/ *cantiga* (1 ocorrência), *aguora* (14 ocorrências)/ *agora* (2 ocorrências), *llugar* (1 ocorrência)/ *llugar* (15 ocorrências).

²¹ Na obra citada de Garcia de Resende, por exemplo, a ocorrência de *nam* e de *não* (das formas sem sinal de abreviatura no original) é, respectivamente, de 468 e de 42 (Verdelho: 1994, 819).

²² “mas não no poso fazer tantas vezes como cujdães por que não tenho ho voso uagar. mas não *que* por jso uos queira menos./ *que* por quão contraira *são* de corações mudauês o não faria *que* me njso fose a uida./ disto *nunca* me uerejs mudada por majs *que* desconfiejs de *mjmll*. (f208) e “não sey por que uos quejxajs de *mjm* queu *são* a *que* tenho tzezão de o fazer de voos.” (f217) (Lago e Lemos, *op. cit.*).

Os grafemas <c> e <s> aparecem, o primeiro, como representação gráfica do fonema oclusivo velar surdo /k/ (*camtigua, cobiça, começo, caso, cano...*), mas nunca como representação da sibilante áptico-dental surda, sendo esta grafada <s> ou <ç>²³ (*cidade, çerto, çedo, pareçia, doçe, lliçensa, Naçeo...*) e fazendo parte do dígrafo <ch> como representação gráfica da chiante palatal surda (*chorar, chegou, chamar, achão, despachar, rrochas...*); o grafema <s> representa graficamente o fonema sibilante áptico-dental surdo /s/ em posição inicial ou medial intervocálica, não havendo nenhuma ocorrência do grafema composto <-ss->²⁴ (*saber, semtido, siso, serujço, sinall, jnpresaom, confisam, uoso...*).

O grafema <u>, como é comum em textos da época, apresenta de forma variável um valor vocálico ou consonântico, representando graficamente em posição inicial e medial, quer o fonema vocálico posterior /u/, quer o fonema consonântico fricativo sonoro /v/, alternando, com este valor, com o grafema <v>, (*uagar/ vagar, uida/ vida, uiuer/ vjuer, uerdade/ verdade, troua*), aparecendo também em formas actualmente formadas por ditongos com espirante velar /w/ (*guardava, cousa, outrem, saudade...*).

Os fonemas consonânticos vibrante e lateral alveolar são representados, o primeiro, por <r> e <rr>, sendo que <r> nunca aparece em posição inicial, onde é sempre usado <rr> (*rricos, rroubos, Rramires, rramo, rreposo...*)²⁵, o segundo, por <ll> em posição inicial de palavra em posição medial e final - *lliurarja, llej, solldam, fidallguo, elle, aquelle, aquall, espanholl, atall...* – e em grupos consonânticos – *gllorja, contempllar, jnclinada...*; o grafema <l> como representação gráfica da lateral alveolar aparece numa única ocorrência (*falou*), sendo usado no dígrafo <lh> que graficamente representa no texto a lateral palatal (*lhe, molher, acolheo, escolhia...*). Os dígrafos compostos por estas líquidas (pl, cl, cr, pr, tr) aparecem bem diferenciados no texto, havendo a referir apenas o uso, com uma ocorrência cada, das formas *concrusão* e *pranteya*.

No que diz respeito a aspectos da morfologia nominal presentes no texto *Naceo e Amperidónia*, limitar-nos-emos a destacar aqui o uso das formas dos artigos, dos possessivos, dos demonstrativos e dos pronomes, bem como dos prefixos e sufixos empregues na formação de palavras.

²³ Tal uso não é similar no texto *Vida e feitos de D. João II* (cf. Verdelho: 1994, 682)

²⁴ Ao contrário do que acontece no texto *Vida e feitos de D. João II* (Cf. Verdelho: 1994, 683)

²⁵ No texto *Vida e feitos de D. João II* (Cf. Verdelho (1994) – *Livro das Obras de Garcia de Resende*) *rr* aparece apenas em posição medial.

O texto apresenta as formas *a, ha, as, has, o, ho, os, hos* como artigos definidos; *ao, aos, polla, pollas, pollo, pollos, no, na* como contracção da preposição e artigo; *todollos, todallas* como contracção de indefinido e artigo, a par com *todos os, todas as*; as formas de artigo definido não aparecem normalmente antes de possessivo, sobretudo da forma masculina, sendo usada a preposição simples quando seguida de possessivo (*allarguando seu rrequerjmento; acudyrja nação a seu esrjto; llya por seu lliuro; em seu coração*).

Os artigos indefinidos são representados pelas formas *hũu, hũa, hũas* e a sua contracção com preposição pelas formas *dũu, dũa, dũas, nũa* aparecem, por vezes, precedendo possessivo (*com hũu seu amjguo; casada com hũu seu amjguo; soube que hũa sua prima*).

Os possessivos e os demonstrativos aparecem no texto representados pelas formas: *meu, meus, mjnha, mjnhas, seu, seus, sua, suas, noso, nosa, uoso, uosa...*, *voso, vosa...*; *este, esta...ese, esa...*, *aquelle, aquella...*, *jsto, jso, iso, aquillo* e em formas contraídas como *deste, desta...*, *daquelle, daquela...*, *dese, disto, sobrjsto, qujsto, diso, nyso, naquillo*, não aparecendo as formas ditas “compostas” (*aqueste, aquesta...aquese...*).

Os pronomes pessoais sujeito são representados pelas formas *eu* (às vezes aglutinadas a conjunções: *queu, seu*), *elle, ella...* (quando contraídas com preposição: *della, dellas...nella, nellas...parella, parelle...*), *noos, nos, voos, uoos, vos*; com função de complemento aparecem as seguintes formas: *a, o* (“não me parece **que o** deueis fazer”); “, *oo* (numa única ocorrência: “não vos afadiguejs qua de ser/ **oo** qua de ser”) *nos, nas* (“em **a** dizer”, “não **nos** farya”; “simta uosas cruzas não **nas** vejo”), *me, mo, ma, mos* (“pojs **me** tão llonge quereis ter de vos”; “pois **mo** tamto emcarejeis”; “agrauos. não **mos** tornareis. qua a mandar”), *mjm, mym* (“llenbraiuos de **mjm** e acudyme”), *te, ti* (“desejate o coração a quem mandas **que te** dem”), *se, sy* (“senpre escusou de tomar sobre sy”), *lhe* (“a noite **que lhe** ella mandou dizer”; “parece**olhe** que serja jaa”), *lhes* (com uma só ocorrência: “fazend**olhes** grandes merçes”) *lha, lho* (“emtaom **lho** mandou”). Os pronomes de complemento surgem independentes ou aglutinados à forma verbal que acompanham em posição proclítica e as formas *llo, lla* também em posição mesoclítica: “majs serya dejx**allo** de fazer”; “mandou**lhe** este pequeno esrjto”, “peçouos *por* merçe que o concurdães “, “senão call**allo**ha sua bondade”, “escapastes da prjmejra cullpa ter**llae**js dobrada”; “*e* se majs pudese **fallo**hya”.

Ainda que o texto não seja de grande extensão, ele oferece-nos uma considerável diversidade de recursos usados na formação de substantivos e adjectivos. Circunscrevendo a análise aos prefixos e sufixos empregados,

verificamos que estes últimos são usados em maior quantidade e diversidade do que os prefixos, dos quais se destaca o elemento *-des*: *descareguão, desobriga, desditoso, desengano, desaseseguado, desauenturas...*; e também *-a* e *-en/-em* (*aventurado, agastada, emcareçais, encuberto, encurtarem...*). Predominam os seguintes sufixos: *-ção/çaom, -çam* (*conversação, ujsitação, enformação, desesperação, asollujçam...*), *-mento* (*apousentamento, merecimento, prometimento...*), *-oso, -osa* (*poderoso, rreçoso, agusoso, uertuosa, pupullosa, copiosas...*), *-dor* (*serujdor, posujdor...*), *-ura* (*ujstidura, fechaduras...*), *-dade* (*dinjidade, neçesidade....*), *-ança/ amça* (*mostranças, llenbrança, esperamça...*), *-arjo, -arja* (*lliurarja...*), *-ença-emça* (*pendença, detemça....*), *-ençia* (*ejçellençia*), *-ançia* (*sustançia*), *-mente* (*lliuremente, verdadeyramente, soamente, desimulladamente, secretamente*), *-es, -esa/ -eza* (*portugues, portuguesa, franquezas, cruezas*). Note-se a hesitação no uso destas últimas formas como uniformes ou biformes (“segundo a llej portuguesa” e “em mjnha llingoagem portugues”).

Os glossários configuram-se como instrumentos valiosos quer para o estudo da língua do texto, quer para o conhecimento da língua da época a que o texto se reporta. O glossário que elaborámos de *Naceo e Amperidónia*, e de que apresentamos um exemplo, apresenta todas as formas do texto, ordenadas, segundo um critério semasiológico, pelos significantes, dos quais são atestados os significados gerais e, nalguns casos, os sentidos específicos que ganham no co-texto.

<p>A a – ver oa, prep, 105</p>	<p>[abastar], v, 2 “bastarm chegar” abasta (1) “e ajnda co<m> jsto nã abasta noso juizo” (f210v) abastara (1) “que tanto confio de voos que esta abastara” ((f217v)</p>	<p>abrjr, v, 2 “abrir” abrem (1) “majs cujzado quando abrem camjnho” (f204)</p>
<p>a (105) “que disese a sua prjma” (f205)</p>	<p>abillidade, sb, 1 “habilidade” “tiuestes myngo polla grande abilidade” (f210v)</p>	<p>abrjr (1) “abrjr aquelle camjnho pera sua amjzade” (f208v)</p>
<p>ao pee, loc. prep, 1 “ao pé de; perto de” pee (1) “chamaua çicalhas. ao pee dũa ujlla” (f215)</p>	<p>[abitar], v, 1 “habitar” abitaua (1) “da çidade. omde abitaua” (f202v)</p>	<p>acabar, v, 18 “acabar, findar, decidir” acabada (1) “e depois da guerra acabada” (f201)</p>
<p>acabado (3) “e acabado ho espaço de poderem ally estar” (f212)</p>	<p>[haver] - ver aver</p>	<p>[hyr] - ver jr</p>
<p>acabados (1) “jnçertos começos são bem acabados” (f201v) acabamdose (1) “acabamdose o tempo de poderem ally estar” (f214v)</p>	<p>[herrar] - ver errar hida, sb, “ida” hida (1) “a hida e o tempo a jsto o hobrijgase” (f205v) ho - ver o</p>	<p>I iso - ver jso</p>
<p>acabandose (1) “acabandose aquelle pequeno de dia” (f203) acabar (6) “querer segurar a ujda ou acabar o tempo” (f205) acabaraom (1) “polla gllorja que tinhão de vos ver. Ilaa acabaraom” (f206) acabaua (1) “amperjdonja lhe não acabaua doutorgar esta merçe” (f211) acabe (1) “que me não deixara ate que me não acabe” (f206) acabou (1) “e acabou co<m> ella que farja o que lhe rrequerja” (f218) dacabar (1) “ey jaa dacabar” (f219v)</p>	<p>[hobrijgar] - ver obrigar</p>	<p>J</p>
<p>[...] H</p>	<p>homde - ver omde</p>	<p>ja - ver jaa</p>
<p>[hacordar], v, 1 “acordar” hacordão (1) “hacordão com allguu rremedyo” (f209v)</p>	<p>huü, art, 66 “um” dũa (4) “foi rrequerjso dũa senhora” (f220) dũas (1) “mudouse dũas pousadas” (f219v) dũu (2) “achouse mall dũu peee” (f210) hũa (28) “achou Ilaa hũa pesoa” (f219v) hũas (1) “a hũas grandes rrochas” (f215) hũs (1) “hũs dias uos tinha satisfejto” (f207v) hũu (28) “tomou hũu camjnho” (f208) nũa (1) “setuada nũa deradeira parte” (f202v)</p>	<p>jaa, adv, 20 “já” ja (8) “por que ja tenho Ilicemsa” (f212v) jaa (12) “que não erejs jaa neste mundo” (f206v)</p>
	<p>hy - ver ahy</p>	<p>janea, Np, 1 janea (1) “se chamaua piadona janea” (f202v) janella, sb, 2 “janela” janella (1) “esperamdo a hũa janella” (f220v) Janellas (1) “que Janellas pera veer” (f219v) jazer, v, 1 jazer (1) “podia jazer ho emgano” (f216v)</p>

A edição modernizadora, por seu lado, é acompanhada de notas de rodapé interpretativas que permitem também uma aproximação a aspectos lexicais e semântico-pragmáticos do texto:

Carta de Naceo

Poder destes vós a minha saudade para me tirar a vida, se se ela disse se contentara²⁶, mas porque todo acabar descansa, alarga meu tormento por que o sinta cada hora e morra cada dia²⁷. E este grande mal que sinto é o mor bem que tenho pois me faz lembrança de vós, ainda que tardasse em vo-la fazer de mim porque a suspeita de o pouco desejardes consentiu no erro por que a mim só o fazia²⁸. Por isso, não peço dele perdão por quão seguro estou de fazer mudança e tão aventurado havê-la.

Resposta de Amperidónia

Vi tardar tanto este vosso recado que me fez parecer que não éreis já neste mundo, e não porque vos matasse paixão mas que estaríeis em outro melhor por que vos este esqueceria²⁹; e tanto esteve um recado na casa daquela mulher que tornei a mandar por ele, pois sua ventura não era conforme com minha vontade³⁰. Em vossa vinda não falo porque não sei o com que folgareis mais, mas dou-vos novas que tendes cá uma prima, grande vossa amiga, e por isso lhe quero tamanho bem que por nenhum o trocaria senão pelo dos amores, se o neles houvesse tão certos³¹.

Podemos, assim, destacar alguns vocábulos e expressões que no texto aparecem intimamente ligados à época, à temática e ao género: *copiosas* como “rica de ideias ou palavras, com abundância retórica” (“se as pessoas nã achão copiosas em dizer mujto”); *descareguão* como “desobrigam-se e desembaraçam-

²⁶ Se ela <a saudade> se contentasse com isso <tirar-me a vida>.

²⁷ Hiperbolização do sentimento amoroso. A saudade não se contenta em matar <de amor>; uma vez que a morte proporcionaria descanso, repete essa *morte* a todo o momento.

²⁸ *ainda que* <eu> *tardasse em vo-la fazer* <fazer-vos lembrança> *de mim porque a suspeita de o pouco desejardes* <que eu vos fizesse lembrança de mim> *consentiu no erro por que* <pelo qual> *a mim só o* <o mal causado pela lembrança> *fazia*. Trata-se de uma velada acusação de disparidade dos sentimentos, a qual é e será pretexto para exigências: Naceo “não pede dele” <do facto de vos fazer lembrar> perdão, porque confia ser capaz de *fazer mudança* no coração de Amperidónia com esta formulação.

²⁹ Amperidónia acusa Naceo da demora em escrever, insinuando como causa uma outra paixão.

³⁰ Referência ao destino: Amperidónia afirma ter escrito uma carta que voltou a recolher por não estar previsto no Destino que ela fosse entregue, ainda que fosse esse o seu desejo.

³¹ Salvo erro do copista (ou de concordância, por analogia), a interpretação deste passo, aliás polémico na própria transcrição, seria: “não trocaria o bem que quero à vossa prima senão pelo dos amores, se o próprio Amor considerasse certos os bens de amor nos amores”.

Hook] “se home lles ouvesse taom çertos”; Duarte]” se o me lhes houvesse tão certos”. Consideramos que o ms. permite a leitura que fazemos: “que por neihuü o trocarja senão pollo dos amores. se ho nelles ouvese taom çertos” (f207) (Lago e Lemos, *op. cit.*).

se” (“se descareguão com encurtarem seus proçosos”); *cometemos* usado com um sentido mais forte do que “fazer”, remetendo para a racionalidade prévia ao empreender das coisas característica da imagem de cortesão (*primeiro não consentiramos a possibilidade do que cometemos*); *estimar* como “avaliar” (*nã abasta noso jujzo. pera o estimar*); *considerados* como oposto de *atravesados*, ou seja, a reflexão e análise por oposição à confusão e imperfeição (*outros. comsiderados. e de booms prinçípios auerem atrauesados fiins*); *prouocar a sy* com o sentido de “atrair” numa imagem da corte como um todo (*da maneira que tinha de prouocar a sy*); “não haver natureza” como sinónimo de “não ter pátria” numa imagem do exílio interior (*nenhũa natureza auja por sua*); *acabada* no sentido de “(mulher) perfeita” (*por que era acabada sem nenhũa cousa lhe falleçer*); *trasmontastes* como “ir para outro lugar, para longe” (*uos trasmontastes daquyl*); “concordar” usado como “combinar” (*peçouos por merçe que o concurdães*), *caregada* no sentido de “de mal com” (*caregada mostrou em o açeitar*); *desesperadas* como “sem esperança” (*taom desesperado me vejo de uos*), *agusoso* como “apressado, diligente” (*nunqua vy omem tão agusoso*), *lliurarja* como “conjunto de livros”, *fazer-se* como “tornar-se”, *servir* como elemento da mesura “servir a amada” (*tudo ficara comuosquo. o que vos servi e o que me negastes*); *menencorja*, forma antiga da palavra “melancolia” e que no texto é usada para indicar “incapacidade de olhar para o outro” (*nã perseueraua anperjdonja na menencorja que tomara*); *apartado de sy*, expressão que congrega uma imagem ovidiana de “estar fora de si”, ocupado apenas com a “imagem da amada” (*elle tão apartado de sy que pallaura nenhũa pode fallar*).

4. Não cabe numa apresentação deste tipo um estudo aprofundado de todas as características linguísticas que se podem atestar no documento em questão. Assim, deixamos apenas alguns traços da língua usada no texto, ficando por fazer quer a análise mais abrangente dos aspectos gráfico-fónicos e morfológicos, nomeadamente os verbais (saliente-se apenas a este propósito a ausência de participios passados em *-udo* e a presença de participios, com valor verbal e adjectival, terminados em *-ado*, *-ada*, *-ido*, *-ida* (*acabada*, *arredada*, *escarmentado*; *arrependida*, *prometida*, *rrequerjdo*, *rreçebidas*...)) e de participios fortes como *escrijto*, *feito*, *satisfejto*)), quer o estudo da componente morfossintáctica, quer ainda dos elementos de âmbito lexical e semântico-pragmático e de análise linguística do discurso, designadamente da sua organização interna e do seu funcionamento.

Acreditamos que o cotejo com outros *corpora* da época, nomeadamente com os da poesia e de outros exemplares do género *novela sentimental*, com

transcrições que permitam o acesso à língua atestada nos documentos e acompanhados dos respectivos glossários, poderá fornecer dados para um trabalho mais abrangente.

Referências Bibliográficas

- Diogo, Américo Lindeza – “Nótulas sobre *Naceo e Amperidónia*”. In Álvares, M. C. & Diogo, A. A. L. – *Gravitações*. Braga: Angelus Novus, 1994.
- Duarte, Luiz Fagundes (apres., leit. e fixação e regularização do texto por) – *Naceo e Amperidónia (Novela sentimental do século XVI)*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1986.
- Hook, David – “*Naceo e Amperidónia*: A Sixteenth-Century Portuguese Sentimental Romance”. In *Portuguese Studies*, 1. London: Departement of Portuguese. King’s College, 1985.
- Lago, M^a Paula – *Naceo e Amperidónia. Estatuto da Novela Sentimental do Século XVI*. Braga- Coimbra: Angelus Novus, 1997.
- Lago, M^a Paula e Lemos, Aida Sampaio – “Discurso literário e edição de texto: *Naceo e Amperidónia*”. In *Actas do XVII Encontro Nacional da APL*. Lisboa: APL, 2002, pp.241-246.
- Lago, M^a Paula e Lemos, Aida Sampaio (edição, fixação do texto, notas e glossário por) – *Naceo e Amperidónia. Novela Sentimental Epistolar* (a aguardar publicação).
- Maia, Clarinda – “Sociolinguística histórica e periodização linguística”. In *Diacrítica*, nº10. Braga: CEHUM, 1995, pp. 3-30.
- Quint, Anne- Marie – “Un étrange roman épistolaire: *Naceo e Amperidónia*”. In *Le Conte et la Lettre dans l’espace lusophone*. Paris: Sorbonne, 2001, pp.63- 73.
- Verdelho, Evelina (edição crítica, estudo textológico e linguístico por) – *Livro das Obras de Garcia de Resende*. Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian, 1994.